

Minas perde o trem da sucessão

AMÉRICO ANTUNES
e OCTÁCILIO FREIRE

BELO HORIZONTE — Conhecido pelas suas habilidades na articulação política — com direito a teses universitárias e inspiração para ditados como “mineiro trabalha em silêncio” —, o político de Minas Gerais acabou aliado da disputa pelo Palácio do Planalto. Segundo colégio eleitoral do País — 9,2 milhões de eleitores —, Minas, atualmente, além de dividida, é obrigada a carregar a cruz da opção entre a difícil candidatura de Aureliano Chaves (PFL) e a da desconhecida advogada Livia Maria Pio de Abreu (PN). Ou, então, conformar-se com o papel secundário através de três candidatos a Vice: Itamar Franco (PRN), Aluizio Pimentá (PL) e Bonifácio Andradá (PDS).

De todos os candidatos, foi o paulista Afif Domingos (PL) que percebeu até agora o filão mineiro com mais sensibilidade. Desde o início de setembro, Afif aposta firme em Minas, descartando no Estado suas principais baterias de campanha: já fez carrêta, caravana pelo interior, comício e até serenata, na esperança de capitalizar para si os dividendos da herança política de JK. A tática parece correta: Afif vem crescendo nas pesquisas. Semelhante estratégia ameaçou concretizar o “tucano” Mário Covas (PSDB) por causa da vitória de Pimenta da Veiga na luta pela Prefeitura de Belo Horizonte, principal conquista dos “tucanos” nas eleições de 88. A Convenção do PSDB que escolheu Covas foi em Belo Horizonte,



mas os planos dos “tucanos”, até agora, não vingaram.

Apesar de toda essa movimentação, é consenso que Minas terá papel subalterno nestas eleições. As explicações para essa perda de prestígio são as mais dispares. O cientista político Jarbas Medeiros, por exemplo, debita a culpa à “falência da Aliança Democrática”, cujo eixo de gravidade girava em torno de uma proposta de “centro e equilíbrio” representada pela candidatura Tancredo Neves. Medeiros registra, ainda, um “recoo estratégico” do político mineiro,

agravado pela entressafra de lideranças gerada no vácuo dos Governos militares. Um hiato que, na opinião do jurista e mineiro Afonso Arinos, não existe.

— O que acontece é uma crise dos partidos nacionais que na verdade nunca existiram no Brasil.

O ex-Deputado José Monteiro de Castro, um dos fundadores da UDN, discorda. Ele lamenta que a política brasileira tenha perdido o “clássico caminho” que Minas representa junto com São Paulo. Adversário do ex-Presidente Juscelino Kubitschek, Monteiro de Castro, no entanto,

reconhece que ele foi o principal responsável pelo tom de modernidade introduzido na política nacional. Contudo, o ex-Deputado assinala que JK “não fez escola em Minas”, prevalecendo o estilo clássico, de equilíbrio, tradicional nos políticos mineiros desde a Revolução de 30.

Responsável pela introdução de um novo estilo político em Minas, que provocou a ira dos adversários, o Governador Newton Cardoso é apontado muitas vezes como um símbolo da crise política atual no Estado. Inimigos de Newton Cardoso acusam o populismo do Governador co-

mo uma das causas. Nessa linha de raciocínio, seria condenado pela suposta introdução de uma política miúda, de visão curta, sem dimensão nacional. Já o sociólogo Otávio Dulci apresenta outras razões. Lembra que, se na década de 50 o apelo regional levou Kubitschek a obter 33% dos votos no Estado e chegar à Presidência, as eleições este ano não estão marcadas por este tipo de proposta, com exceção do Nordeste. Acrescentou que nos últimos 30 anos a economia mineira se integrou ao resto do País, colocando em segundo plano os aspectos regionais.